

## No fim do arco-íris, o pote de ouro?



Fonte: [www.pt.org.br](http://www.pt.org.br)

Iniciamos 2025 com muitos desafios para a organização da luta das pessoas LGBTQIA+, um ano que marca o início da segunda metade do Governo Lula e que será central para a disputa de rumos do Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras e também da própria sociedade. Mas, pensar 2025 e o futuro demanda de nós olhar um pouco no retrovisor, fazer um breve balanço do que foram as eleições de 2024, especialmente para nós, LGBTQIA+.

O resultado geral das eleições do ano passado nos colocam diante de várias questões:

**1** - O aumento expressivo da participação da direita no processo eleitoral, demonstrando que as ideias conservadoras e bolsonaristas seguem fortes e vivas em grande parcela da sociedade;

**2** - A votação significativa dos partidos da direita, que alcançaram a ampla maioria dos votos válidos da população nos municípios brasileiros;

**3** - Ao mesmo tempo, um saldo geral preocupante para a esquerda, demonstrando a necessidade urgente de retomarmos e ampliarmos nossa influência sobre a classe trabalhadora, a partir da disputa política, da organização e do trabalho junto aos diversos setores da sociedade.

Sem delongar nesses pontos, que já foram amplamente debatidos nos textos de balanço eleitoral da Articulação de Esquerda, chama a atenção o desempenho das candidaturas LGBTQIA+ que, mesmo diante desse cenário geral tão duro, têm conseguido arrancar vitórias na disputa por mais representatividade, pela ocupação dos espaços da política e pela mudança do perfil das candidaturas em todo o país.

Em 2024, tivemos o melhor desempenho registrado na eleição de pessoas LGBTQIA+ no país: elegeram-se 225 pessoas abertamente gays, lésbicas, bissexuais e trans, um aumento de 130% em relação às eleições municipais de 2020.

É importante destacar o desempenho do PT, que em 2024, foi o partido que mais teve candidaturas LGBTQIA+ colocadas no pleito (155) e também o que mais elegeu (70), demonstrando que, apesar do cenário desfavorável, há um esforço organizativo da militância LGBTQIA+ do partido em avançar na pauta.

Mais que dobramos o número de pessoas LGBTQIA+ eleitas do PT (em 2020, foram 34) e esse é um fato relevante em termos de balanços específicos, pois demonstra que há também uma mudança no perfil eleitoral da esquerda, que tem priorizado votar em pessoas que representam a renovação política e partidária (jovens, mulheres, negros e negras, LGBTQIA+, indígenas).

Contudo, o caminho do arco-íris ao pote de ouro é longo e de muitas disputas, é o caminho de uma vida. Precisamos comemorar os avanços, mas sem ilusões, pois temos muitas tarefas colocadas para o próximo período: precisamos ampliar nossa organização enquanto LGBTQIA+; fortalecer os aspectos de mobilização e luta de massas; debater uma agenda prioritária da diversidade sexual, de modo a pautar avanços no legislativo e também no Governo Lula; incidir

sobre os debates da Conferência Nacional LGBT que se realizará este ano e também promover o Encontro Nacional LGBT da AE. É fundamental combinar uma agenda institucional e de rua, que dê conta de disputar as políticas públicas e as mudanças estruturais que defendemos.

Um 2025 de muitas lutas e de grande disposição para as LGBTQIA+! ★

**Ronaldo Maia**, militante do PT e da AE no Rio Grande do Norte (RN) e membro da Secretaria Nacional LGBT do PT

## A escala 6X1 e seus reflexos na vida da população LGBTQIA+



Fonte: [www.brasilefatodf.com.br](http://www.brasilefatodf.com.br)

A escala seis por um, amplamente adotada em diversos setores do mercado, é um modelo organizacional do trabalho cujas bases se dão pelas estruturas exploratórias do capitalismo e de seus processos de reestruturação produtiva, que exaure corpos e mentes.

Recentemente, a deputada federal Érika Hilton (PSOL), reascendeu esse debate a partir do Projeto de Emenda à Constituição de fim da escala 6x1, cuja proposta previa a redução da Jornada de Trabalho para 36 horas semanais, projeto esse que mobilizou parcela significativa dos/as trabalhadores/as a partir do movimento VAT (Vida Além do Trabalho) para a disputa social do tema e para assinaturas de parlamentares para protocolar o projeto.

Para a população LGBTQIA+, que historicamente ocupa posições mais vulneráveis no mercado de trabalho, essa dinâmica é ainda mais cruel, ela se torna um instrumento de exclusão e silenciamento, aprofundando as desigualdades e dificuldades no acesso a direitos básicos como saúde, educação, lazer, emprego e renda, dentre outros.

Em uma sociedade que já marginaliza e discrimina corpos dissidentes, submeter essas pessoas a jornadas exaustivas é perpetuar um ciclo de precarização e abandono, como por exemplo, o tempo que poderia ser usado para fortalecer laços comunitários, acessar serviços de saúde especializados ou até mesmo descansar de forma digna é sugado por um sistema que valoriza o lucro acima da vida.

Assim, trabalhadores/as LGBTQIA+ enfrentam outras barreiras adicionais, como discriminação no ambiente laboral, invisibilidade de suas necessidades específicas e dificuldades para acessar direitos trabalhistas, agravadas por essa escala que transforma o descanso em privilégio e o trabalho em sobrevivência.

É no coletivo que a população LGBTQIA+ encontra força para resistir!

Se faz necessário urgentemente romper com essa lógica exploratória para uma direção de construção de políticas públicas que garantam condições dignas de trabalho e que respeitem as especificidades da população LGBTQIA+.

É preciso transformar o sistema que subordina a vida ao capital, garantindo que todo o conjunto dos/as trabalhadores/as tenham os seus direitos fundamentais resguardados. ★

**Thiago Oliveira**, secretário LGBTQIA+ do PT do Mato Grosso (MT) e militante da Articulação de Esquerda.

